

**ESTUDOS DA LINGUAGEM:**

**RENOVAÇÃO & SÍNTESE**

**Anais do VIII Congresso da Assel-Rio**

Organizado por  
Sandra Pereira Bernardo  
Vanda Cardozo de Menezes

(Rio de Janeiro, UFRJ/FL, 3 a 6 de novembro de 1998)

Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras  
Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro



O PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO:  
DO DISCURSO DAS GRAMÁTICAS A UMA LINGUÍSTICA DAS OPERAÇÕES\*

Otilia da Costa e Sousa<sup>†</sup>

**RESUMO:** *Após a apresentação do discurso de diferentes gramáticas do Português sobre o pretérito imperfeito do indicativo, apresenta-se uma proposta de explicação de funcionamento do imperfeito. Partindo da análise de enunciados em que o imperfeito possui diferentes valores aponta-se a operação invariante que lhe é subjacente, a saber: operação de translação.*

**PALAVRA-CHAVE:** *imperfeito; enunciação; operação; translação.*

Habitualmente as gramáticas do Português dão conta da grande variabilidade dos valores do imperfeito. Algumas apresentam apenas os diferentes usos do imperfeito, outras, além dos usos, apontam os valores centrais do imperfeito, sendo os diferentes usos apresentados como variantes desses valores.

De uma forma breve, apresentarei o discurso sobre o imperfeito de algumas gramáticas do português.

Dias (1970: 186 e segs) apresenta uma listagem dos empregos possíveis do imperfeito, sem apontar um fio condutor que relacione os diversos empregos. Assim apresenta, entre outros, os seguintes empregos:

*«... emprega-se, em primeiro lugar, quando, transportando-nos com o pensamento a uma época passada...».*

*«Em orações, subordinadas a um tempo pretérito, pode empregar-se o imperfeito...»:*

---

\* Este trabalho foi apoiado pelo Instituto Camões e pela F.C.T. através do Programa Lusitânia.

† Professora na Escola Superior de Educação de Lisboa. Doutoranda sob orientação da professora doutora Maria Henriqueta Costa Campos, na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Investigadora do grupo "Gramática e Enunciação" do Centro de Estudos Comparados.

-em lugar do presente universal,  
-na indicação da naturalidade, genealogia, qualidades de um indivíduo...

-falando de uma acção de uma acção da qual só se deu o primeiro passo (ir+infinito)

-expressa o que por pouco não aconteceu (ir+gerúndio)

«quando se fala de «dever alguém, cumprir a alguém, ser dever de alguém, etc., fazer uma coisa»

Said Ali (1964: 315 e segs) aponta como comum aos tempos do pretérito o facto de expressarem o «domínio do passado». Além de valor passado, o imperfeito é o tempo da «acção prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a acção terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início.» O imperfeito denota:

-acção durativa

-acção frequentativa, costume

-também se emprega com sentido existencial servindo de

começo a lendas, contos...

Cunha & Cintra (1984: 450 e segs) apontam como valor fundamental do imperfeito o «designar um facto passado, mas não concluído (...). Encerra, pois uma ideia de continuidade, de duração do processo mais acentuada que os outros tempos pretéritos». Os autores fazem de seguida uma listagem de empregos possíveis.

Mateus et alia (1989: 76) afirmam que o imperfeito expressa o tempo passado. Além da sua localização no passado, o imperfeito tem valor aspectual de inacabado e, associadamente, valor frequentativo (idem: 92).

Como verificamos, as gramáticas conferem ao imperfeito uma multiplicidade de valores articulada à volta dos seus valores temporal - passado - e aspectual - durativo, inacabado -. Ora, muitos dos empregos do imperfeito não podem ser integrados neste quadro. Senão vejamos:

#### A. O imperfeito exprime uma acção passada?

(1) a. «O mestre levantou o dorso rígido; uma aparição de pedra roída; antiga e implacável:

- Agarra no cacete. São horas de acabar a festa.

- Pega-se nele e arruma-se ao mar.

- Lérias.

- Já não há precisão de mais cacete.

- Chega-lhe, malandro. O seguro morreu de velho.

- O mar *dava*<sup>1</sup> conta do serviço.

- Arreia-lhe, tratante.

Carlos de Oliveira, *Uma abelha na chuva*: 133

#### b. Disseram-me que estavas doente. Então que é que tens?

Ora, como podemos constatar em (1a) e (1b), os acontecimentos representados pelo imperfeito *dar conta do serviço* e *estar doente*, respectivamente, não se localizam no passado: em (1a) o acontecimento denotado inscreve-se num tempo posterior ao momento da enunciação e em (1b) *estar doente* verifica-se ainda em T<sub>0</sub>.

#### B. O imperfeito exprime uma acção que dura?

(2) a. Pelas quatro horas da tarde, a camioneta partia.

Virgílio Ferreira, *Manhã Submersa*: 68

b. Quando entraram no quinteiro, sala o lavrador da adega, onde pela terceira vez fora matar o bicho, aquela hidra de Lerna, que botava cabeças todo o santo dia no bucho do hercúleo João da Laje»

Camilo Castelo Branco, *Maria Moisés*: 33

Nem em (2a) nem em (2b) o intervalo é durativo. Dadas as propriedades semânticas de *partir* e *sair* (eventos instantâneos na terminologia de Vendler (1967)) o intervalo associado ao verbo no imperfeito é um intervalo pontual. As características aspectuais do imperfeito bloqueiam a delimitação desse intervalo.

Torna-se evidente a não identificação entre imperfeito e duração. Se houver um intervalo durativo construído no enunciado, não é possível a utilização do imperfeito, como se pode verificar em (3):

(3)a. ?durante toda a viagem, a Ana cantava

<sup>1</sup> Itálico meu.

b. ?ontem chovia todo o dia

A menos que se introduza uma leitura iterativa:

(3) a` Sempre que fomos a Aveiro, durante toda a viagem, a Ana cantava

b` quando fomos para a serra, chovia todo o dia.

Se, depois de apontar a característica geral do imperfeito, se apontarem todos os usos que são variações, poderemos continuar a insistir na centralidade de passado e duração, para empregos como os que acabámos de apresentar?

Dos exemplos, parece-me ser possível afirmar que embora o imperfeito veicule um valor de não presente, a característica "passado" não é central (Lebaud 1991,1993; Bouscaren 1998). Tal como não é central o valor "duração".

Retomo Culioli (1980) e Campos ([1984],1997) que defendem que o imperfeito é marcador de translação. O localizador translato a partir do qual o sujeito o constrói o ponto de vista sobre o acontecimento conserva todas as propriedades aspectuais do localizador origem. E retomo Bouscaren (1998) que defende que não sendo o imperfeito um tempo do passado, é, de algum modo, uma marca de não presente.

O que autoriza a grande variedade de usos do imperfeito são as suas características aspectuais e modais que têm subjacentes a implicação de um sujeito.

#### O papel do imperfeito

Partimos da hipótese que o imperfeito marca uma translação do ponto de origem: é marca de que o sujeito constrói um localizador outro (T') a partir do qual constrói o acontecimento linguístico. T' «constitui o ponto de referência de onde se constrói o ponto de vista sobre o acontecimento» (Campos 1997:25), T' é obtido por translação a partir de T<sub>0</sub> conservando as suas propriedades aspectuais (idem).

Verifica-se, portanto, uma mudança de localizador:

T<sub>2</sub> = tempo do enunciado; T<sub>0</sub> = tempo da enunciação; T' = tempo localizador translato; T<sub>2</sub> = T'.



Dado que o localizador é um dos instantes do acontecimento linguístico este é sempre perspectivado, pelo enunciador, do seu interior. Por isso, e ao contrário do que acontece, por exemplo, com o pretérito perfeito, o imperfeito não possui uma função estruturante da classe de instantes, i.e. não delimita um instante ou uma sub-classe de instantes em relação à qual possamos definir um interior e um complementar (p,p')

ainda não p [ p ] já não p

A mudança de localizador, de que o imperfeito é marcador, pode manifestar-se:

1. pela construção de um localizador T' definido a partir de T<sub>0</sub> e assegurando o mesmo papel que T<sub>0</sub> (este tipo de emprego é que suscita a denominação "presente do passado")

(4) Napoleão gostava do vinho do Alentejo

(5) Quando cheguei, dormias ainda

A partir de T<sub>0</sub>, por uma operação de translação, constrói-se um outro localizador: *Napoleão*, nome temporalizado que introduz um tempo passado em relação a T<sub>0</sub> e *quando cheguei*. A partir desse localizador construído localiza-se o acontecimento no imperfeito: *gostava de vinho e dormias*, respectivamente.

2. Pela construção de uma situação de enunciação translata Sit' (é o caso do discurso relatado):

(6) O Miguel disse à Ana que ia sair

*ia sair* encontra-se localizado em relação à situação de enunciação *o Miguel disse à Ana* (Sit') que por sua vez está localizada em relação a Sit<sub>0</sub>. *Ja sair* não tem qualquer relação directa com Sit<sub>0</sub>.

(6') eu digo (Sit<sub>0</sub>) o Miguel disse (Sit') ia sair<sup>1</sup>

### 3. Pela introdução de um localizador fictivo que substitui quer um, quer o conjunto dos parâmetros enunciativos Sit<sub>0</sub> (S<sub>0</sub> T<sub>0</sub>)

(7) se eu fosse a ti pensava duas vezes

(8) - O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto virava um fazendão

Monteiro Lobato, *Urupês*

se marca a construção do domínio dos valores possíveis (Culioli 1990:132) do predicado *ser tu/não ser tu*. O emprego do imperfeito marca, precisamente, a mudança do sistema de localização: *eu* fala a partir do ponto de vista de *tu*, de tal modo que o valor seleccionado não é validado: *se eu fosse tu (mas não sou)*.

*Isto virava um fazendão encontra-se localizado em relação a ter/não ter meios: tivesse ele forças (mas ele não tem). Pensava duas vezes e virava um fazendão são asserções fictivas construídas a partir de localizadores fictivos<sup>2</sup>.*

<sup>1</sup> O mesmo tipo de localização pode ser encontrada em

(a) Ajudei-o porque era teu irmão

Neste caso, *era* não significa que deixou de ser, apenas assinala que se encontra construído em relação ao localizador *ajudei-o*.

<sup>2</sup> O mesmo mecanismo encontra-se em

(b) Felizmente que eram só 100 degraus!

Um degrau a mais e eu morria

*um degrau a mais (que não existe) funciona como localizador (fictivo) de eu morrer*

Poderia, também, apontar-se neste ponto o caso da fórmula de abertura dos contos de fadas. *Era uma vez* inaugura a criação de um mundo fictivo, sendo o imperfeito marcador de ruptura com o plano enunciativo (Sousa 1998). Segundo Fonseca (1991: 347) é, precisamente, o "carácter produtivo da referência fictiva que explica o uso do imperfeito como índice de ficcionalidade"

### 4. Por uma descentragem da enunciação

(9) Estava querendo um cafezinho

(10) Vinha pedir-lhe se podia baixar o som

nestes exemplos, verifica-se uma descentragem em relação a S<sub>0</sub>. Na relação inter-sujeitos existem um enunciador e um co-enunciador numa situação dada, i.e. localizados num dado espaço tempo. Com a utilização do imperfeito assiste-se a um movimento do enunciador para fora da situação enunciativa, verificando-se uma dissociação entre o dito e a situação de dizer.

A operação de translação permite, por um lado, um eventual movimento de recuo, e, por outro, manter a ilusão do não actual na actualidade inegável da situação face a face. Mas, o mais importante parece-nos decorrer da não estruturação do acontecimento linguístico: ao perspectivar o acontecimento do seu interior, o enunciador deixa ao co-enunciador "espaço" para intervir nesta situação em curso, isto é o co-enunciador pode ou não validar a relação predicativa.

Deste modo, unificam-se os dois empregos fundamentais do imperfeito: o modal e o aspectual.

#### Referências bibliográficas:

- BOUSCAREN, Janine. Para uma perspectiva enunciativa da gramática. (conferência proferida na Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 1998 - não publicada).
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. *Tempo, Aspecto e Modalidade*. Porto: Porto Editora, 1997.
- CUNHA, Celso & CINTRA Luís Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, [1984] 1991.
- CULIOLI, Antoine. Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique. In DAVID, Jean. & MARTIN Robert (eds). *La Notion d'Aspect*. Paris: Klincksieck, p. 181-193, 1980.
- . *Pour une Linguistique de l'Énonciation*. Paris: Ophrys, 1990.
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva. *Sintaxe Histórica do Português*. Lisboa: Livraria Clássica editora, [1917] 1970.

- FONSECA, Fernanda Irene. Deixis, dependência contextual e transposição fictiva: contributos para uma teoria enunciativa da ficção. In *Actas do VI Encontro da APL*. Lisboa, p. 331-356, 1991.
- LEBAUD, Daniel. L'imparfait une approche à partir de quelques effets causés par le discours grammatical dominant. *Les Cahiers du CRELEF*, 39, p. 49-69, 1991.
- L'imparfait: indétermination aspectuo-temporelle et changement de repère. *Le Gré des Langues* 5, p. 160-176, 1993.
- MATEUS, Maria Helena et alia. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, [1983] 1987.
- SAID ALI, Manucl. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, [1931] 1964.
- SOUSA, Otilia da Costa e. Imperfeito e predicação de existência. In *Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. (Aveiro, Setembro de 1998) (no prelo).